

IMAGINÁRIOS DE LÍNGUA FRANCESA E TRADUÇÃO NOS SÉCULOS CLÁSSICOS FRANCESES

Márcia Atálla Pietroluongo *

RESUMO: *Este artigo busca evidenciar os ideais estéticos de língua francesa presentes nos textos sobre tradução de eruditos e tradutores dos séculos XVII e XVIII, época em que o ideal de homem e de língua entrelaçaram-se dando origem tanto ao imaginário da língua francesa como sendo pautada pela clareza, precisão, discernimento, simplicidade, equilíbrio, racionalidade e perfeição quanto as idealizações do fazer tradutórios segundo as exigências da Tradução Clássica e da Tradução Etnocêntrica.*

PALAVRAS-CHAVE: *Língua francesa; Tradução; Séculos XVII e XVIII.*

ABSTRACT: *This article focuses on the aesthetic ideals of the French language in texts addressing translation of scholars and translators of the 17th and 18th centuries, when the ideal of man and of language were closely linked, resulting both in the imaginary of French language as guided by clarity, accuracy, discernment, simplicity, balance, rationality and perfection, and the idealizations of translating according to the requirements of Classical Translation and Ethnocentric Translation.*

KEYWORDS: *French language; Translation; 17th-18th centuries*

Ao percorrer textos sobre tradução de eruditos e tradutores dos séculos clássicos franceses, uma constatação se impõe: a da construção de uma identidade histórica própria no processo de fundamentação do vernáculo e suas relações com a nacionalidade. Os séculos XVII e XVIII representam momentos-chave, modelares, na institucionalização do francês e de seus imaginários: ideal de homem e ideal de língua jamais estiveram tão entrelaçados.

Orgulhosa de sua elegância e perfeição, a língua francesa adquire ares de língua universal em grande parte da sociedade letrada europeia do século XVII. No início do século seguinte, sua difusão ganha o estatuto de língua da diplomacia. Nas representações dominantes, como num jogo de

* Professora associada do setor de Letras Francesas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tradutora e intérprete, coordenadora do Programa de Pós-Graduação de Letras Neolatinas da UFRJ, é doutora em Língua francesa e Literaturas de língua francesa pela UFRJ e trabalha nos campos teóricos da Tradução e da Análise do Discurso. Atualmente, dedica-se a um projeto de pesquisa sobre Imaginários de língua francesa e Tradução.

espelhos, a universalidade se explica pelas qualidades da língua francesa.

Ainda que se possa reconhecer a inaptidão do termo classicismo francês para dar conta das contradições e heterogeneidades de seus preceitos¹, as representações hegemônicas sobre ele fundam-se numa aspiração socialmente consentida à normatização e sedimentam-se em algumas características almeçadas e cultuadas, cujos alicerces são os ideais de *clareza, precisão, discernimento, simplicidade, equilíbrio, racionalidade, perfeição*.

Os séculos clássicos vivem uma sede de gramática e de purismo gramatical. Há uma grande consonância entre gramáticos, escritores e público quanto às regras e sistematizações da língua que não eram sentidas como coerções, mas como necessidade. Aqui o conceito de língua imaginária, proposto por Eni Orlandi ganha todo seu relevo.

Segundo a analista do discurso, as línguas imaginárias são objetos ficcionais, são artefatos criados por gramáticos, lingüistas, analistas. “São as línguas-sistemas, normas, coerções, as línguas-instituição, a-históricas. Construção. É a sistematização que faz com que elas percam a fluidez e se fixem em línguas imaginárias” (1988, p.28). “Embora ficcional, a língua imaginária modela o real, controlando os usos e formas da língua, o que não é neutro para a história da língua”² (ORLANDI, 1998, p.30).

Segundo Gilles Declercq (2006, p. 453), três fatores convergem para tornar a história da eloquência e da retórica verdadeiramente excepcional no século XVII: o *fator político* que busca na arte oratória os meios de difusão do poder e brilho da monarquia; o *fator epistemológico* que coloca a retórica em confronto com as novas ciências de Galileu, Bacon e Descartes; e o *fator sócio-estético* com base predominantemente aticista.

O *aticismo* é uma corrente da retórica grega que emprega torneios e expressões da língua literária, valorizando a sobriedade, o despojamento e a simplicidade. Fundamenta-se na delicadeza, elegância do gosto, pureza do estilo. A ele se associam boas maneiras, distinção, humanismo, civilidade e urbanidade.

O *asianismo*, ao contrário, desenvolveu-se entre os gregos da Ásia que se recusavam a aceitar o senso de rigor e medida dos gregos da Europa. Seu trabalho sobre a linguagem é semelhante ao barroquismo e se caracteriza por um tipo de eloquência, fundada no *pathos*, no estilo pomposo, afetado, enfático, com abundantes metáforas e virtuosismos. Na construção do

¹ Como ressalta Béatrice Guion (2006, p.132), do escritor se espera qualidades opostas, ele deve ser, a um só tempo, imaginativo e judicioso, delicado e forte, entusiasmado e comedido.

² Contraindo-se à língua imaginária, Eni Orlandi (1988, p. 34) propõe o conceito de língua fluida: a língua fluida é a que pode ser observada e reconhecida quando focalizamos os processos discursivos, através da história da constituição de formas e sentidos, tomando os textos como unidades (significativas) de análise, no contexto de sua produção.

imaginário clássico sobre a língua francesa com suas tensões, embates e dissensões, observa-se a busca de um espaço próprio de prestígio na luta pela credibilidade e legitimidade travada com as línguas antigas e com as línguas européias modernas. O aticismo francês se contrapõe às estéticas barrocas italiana e espanhola de base asianista. Ele serve como fio condutor ideológico e político da identidade nacional.

Língua e eloquência estão aqui a serviço da construção do *honnête homme*, ideal de francês, completo e perfeito, que une cultura intelectual, humanística, arte de viver em sociedade, verve, espírito, galanteria, maneiras polidas e bom gosto.

Esse imaginário de língua e de homem continua predominante no século das Luzes. Voltaire, no artigo *Espírito* da *Encyclopédie*³, assim, o define:

Essa palavra, significando uma qualidade da alma, é um desses termos vagos a que são atribuídos quase sempre sentidos diferentes por todos aqueles que os empregam: ela exprime algo diferente de julgamento, gênio, gosto, talento, penetração, extensão, graça, fineza, mas deve ter todos esses méritos: poderia ser definida como razão engenhosa.⁴

Com efeito, numa tradição que remonta a Quintiliano e a Horácio, uma das exigências capitais do ideário clássico fundamenta-se na consideração de que o gênio (*ingenium*) deve ser aperfeiçoado pela obstinação do trabalho. Numa consonância fina entre as estéticas mundana e erudita, a razão se baseia no saber expresso pelas regras e naquilo que o bom senso, o gosto e o discernimento consideram adequado a cada circunstância.

As noções de bom gosto e de discernimento devem ser lidas na perspectiva de Pierre Bourdieu, que aponta para a questão dos estilos como sistemas de diferenças que, a um só tempo, classificam e são classificados, hierarquizam e são hierarquizados, remetendo a posições na sociedade.

Os usos sociais da língua devem *seu valor propriamente social* ao fato de que tendem a se organizar em sistemas de diferenças que reproduzem na ordem simbólica dos *desvios diferenciais* o sistema das diferenças sociais. Falar é apropriar-se de um ou outro dos estilos expressivos já constituídos no e pelo uso e objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia dos estilos que exprime em sua ordem a hierarquia dos grupos (BOURDIEU, 1982, p. 41)⁵.

³ Versão digitalizada: <http://gallica.bnf.fr>

⁴ Tradução minha

⁵ Tradução minha.

É nesse enquadramento que se pode compreender o discurso de Claude-Gaspar de Méziriac ([1635] 1998), membro da Academia Francesa, erudito e tradutor, crítico da tradução de Plutarco feita por Jacques Amyot. Seu texto, intitulado “Da Tradução”, concebido para ser apresentado aos acadêmicos, e lido por ninguém menos do que o Senhor de Vaugelas, é revelador de uma tomada de palavra que busca se posicionar num campo definido: o dos doutos que se inscrevem na linhagem dos antigos:

Se fiz algum esforço para adquirir um medíocre conhecimento das línguas estrangeiras, foi com o desígnio de contentar meu espírito antes que ostentá-lo. Sempre estimei mais as coisas que as palavras, não me propondo outra finalidade em meus estudos, a não ser alcançar a inteligência dos antigos Autores, a fim de extrair as ciências em sua fonte, sem me entreter com a disposição das palavras nem com a elegância do estilo. É verdade que aprendi os preceitos de Retórica, não apenas nas Escolas, mas ainda nos escritos dos maiores Mestres da Arte, porém, jamais os pus em prática, & me contentei apenas com a teoria.

Eis porque, Senhores, tenho muita dificuldade em me persuadir de que posso ocupar algum lugar nessa ilustre Academia, onde se faz profissão da Eloquência & onde se pretende conduzir nossa língua à perfeição. Todavia, para não desmentir o julgamento que fizestes de mim, quero crer que possa contribuir com algo para vosso desígnio, se me confessam que um dos melhores meios de enriquecer nossa língua é o de que ela seja falada pelos mais doutos & mais famosos Autores da antigüidade, principalmente pelos gregos que nos deram todas as artes & todas as ciências num tão alto grau de perfeição, que os medíocres espíritos desse tempo só compreendem com esforço o que nos deixaram por escrito & os mais excelentes tiveram muito labor para acrescentar algo às invenções daqueles⁶ (p.2-3).

O prestígio buscado por De Méziriac advém da rede de relações estabelecida entre, de um lado, seus pares qualificados, e de outro, a tradição da Antigüidade clássica que funda um olhar sobre o campo. Como evidencia Bourdieu (1982, p. 60), é da relação com um dado *mercado* que os discursos adquirem valor, as competências propriamente lingüísticas estando estreitamente entrelaçadas com quem as pronuncia e com o lugar de onde são pronunciadas.

Na esteira do ideal aticista de *clareza, equilíbrio e discernimento*, base dos preceitos retóricos cultuados pelos clássicos, figura a obra de Gaspard

⁶Tradução minha.

de Tende ⁷: *Regras da tradução ou meios para aprender a traduzir de latim em francês baseadas em algumas das melhores traduções da atualidade (1660)*⁸. Retomando a inscrição dominante, De Tende, no excerto abaixo, toma de empréstimo as palavras de Vaugelas, sintetizador do ideal mundano de língua no século XVII, para definir suas regras tradutórias:

A sétima, segundo o senhor de Vaugelas, é sempre tender a uma maior clareza no discurso. E é, sem dúvida, por esta razão que os melhores tradutores reconheceram a necessidade de reduzir e dividir os períodos; pois o discurso articulado e extenso é muito menos inteligível que o discurso mais curto e preciso. Por isso é necessário diminuir os períodos latinos quando eles são muito longos, pois nossa língua, sendo ainda mais analítica, deixaria por muito tempo em suspenso o espírito que espera sempre com impaciência o fim do que se lhe quer dizer.

A oitava é juntar períodos muito curtos, quando se traduz um autor cujo estilo é preciso e curto. Assim, como é preciso, algumas vezes, reduzir períodos muito longos, é igualmente preciso, com frequência, juntar aqueles que são muito curtos, guardando nos dois casos um justo equilíbrio e uma moderação razoável, e tudo com muito discernimento.

A nona e última regra é não procurar apenas a pureza das palavras e das frases, como fazem muitas pessoas, mas, ainda, embelezar a tradução por meio de graças e figuras que estão, muitas vezes, escondidas e que se descobre apenas com muita aplicação. (p.43)

O imaginário em vigor sobre a língua francesa impõe uma ética tradutória que opta por um texto traduzido, calcado menos no texto de origem, e mais no reforço e consolidação da estética dominante. Inscreve-se no âmbito da *tradução etnocêntrica*, tal como cunhada por Antoine Berman ([1985] 2007):

Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, à suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela % o Estrangeiro % como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura (p.28).

⁷ Michel Ballard (1996, p.58), em seu artigo sobre De Tende, ressalta que “seu grande mérito é o de ter sabido apresentar um método equilibrado e realista com considerações gerais sobre a tradução que precedem os capítulos contrastivistas”. Salienta ainda que “a grande originalidade de seu empreendimento é, sem dúvida, primeiramente, um magistral trabalho sobre corpus que se esforça em depreender leis a partir da observação de fenômenos recorrentes”.

⁸ In *Clássicos da Teoria da Tradução*, volume 2, francês-português. Tradução de Cláudia Borges de Faveri

Observa-se na citação de De Tende, a recomendação de dois procedimentos deformadores estudados por Berman ([1985] 2007), em sua analítica da tradução. A *racionalização* (p.48-49) que recompõe a estrutura sintática do original % *juntando períodos curtos e reduzindo os longos* %, reorganizando-a “conforme uma certa idéia da *ordem* de um discurso”. E o *enobrecimento*, “ponto culminante da tradução platônica” (p.52), que almeja embelezar a tradução. “A estética vem aqui completar a lógica da racionalização: todo discurso deve ser um *belo* discurso” (p. 52).

Em sua “Carta ao Senhor Conrart – Conselheiro e Secretário do Rei” (1664), introdução à sua tradução de tratados e diálogos de Luciano, Nicolas Perrot D’Ablancourt ⁹ sustenta:

Mas não se pode negar que foi um dos grandes espíritos de seu século, mostrando delicadeza e encanto, com um humor alegre e jovial, com aquele ar galante que os antigos denominavam *urbanidade*, sem falar da clareza e pureza de seu estilo, aliadas à elegância e à cortesia. Só o considero um pouco grosseiro nas coisas do amor, apesar de que isso se pode imputar ao espírito de seu tempo, ou ao seu próprio, mas quando se propõe a tratar dele, escapa dos limites da honestidade e cai imediatamente na torpeza, o que é marca de um espírito mais depravado que galante. Ele tem também aquele traço dos declamadores que, querendo tudo dizer, nunca termina onde deve, o que é um vício decorrente de excesso de espírito e de saber ¹⁰ (p.53).

Tomada de empréstimo à tradição latina, a noção de *decoro* constitui um pilar do clássico francês. Ser racional significa usar o bom senso e o discernimento em nome do que é considerado apropriado às circunstâncias. Nesta perspectiva, há uma forte convergência entre as duas vertentes estéticas dominantes: a mundana, fundada no *bom gosto*, e a erudita, fundamentada na tradição antiga.

Segundo Georges Mounin (1955, p.80), as *belas infiéis* preconizavam, sobretudo, que se evitasse tudo o que podia causar repulsa ao gosto da sociedade culta daquele tempo.

Ainda em consonância com os preceitos expostos, Jean Le Rond D’Alembert, em suas *Observações sobre a arte de traduzir em geral e sobre este ensaio de tradução em particular* ¹¹ (1759), salienta que

Uma das grandes dificuldades da arte de escrever, e principalmente

⁹ Como evidenciam os organizadores dos *Clássicos da Teoria da Tradução*, volume 2, francês-português, “O gramático e lexicógrafo Gilles Ménage (1613-1692) chamou as traduções [de D’Ablancourt] “de belas infiéis”, do mesmo nome que dava a uma de suas amantes” (p.48).

¹⁰ In *Clássicos da Teoria da Tradução*, volume 2, francês-português. Tradução de Teresa Dias Carneiro.

¹¹ In *Clássicos da Teoria da Tradução*, volume 2, francês-português. Tradução: Lea Mara Valezi Staut.

das traduções, é saber até que ponto podemos sacrificar a energia à nobreza, a correção à facilidade, a precisão rigorosa à mecânica do estilo. A razão é um juiz severo que deve ser temida, o ouvido, um juiz orgulhoso que deve ser poupado. A tradução literal não deve, portanto, ser considerada como regra nas passagens em que o espírito das línguas não ofereça obstáculos, e quando a tradução resultar seca, dura e sem harmonia (p.65).

Na tradição das Belas infieis, o centro das atenções é o leitor. O trabalho de textualização da tradução deve obrigatoriamente passar por revisões e “correções” do texto original, conformar-se a seu gosto, confirmando a superioridade de sua língua e julgamento. Correção e distinção: tais são as propriedades que caracterizam a excelência lingüística no campo literário (BOURDIEU, 1982, p.50).

Dois axiomas são observados na tradução clássica (BERMAN, 2007, p.33):

1. “deve-se traduzir a obra estrangeira de maneira a que não se “sinta” a tradução, deve-se traduzi-la de maneira a dar a impressão de que é isso que o autor teria escrito se ele tivesse escrito na língua para a qual se traduz”;
2. “a tradução deve oferecer um texto que o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução. Ou ainda: a obra deve causar a mesma “impressão” no leitor de chegada que no leitor de origem”.

Entoando a idéia sintetizada por Boileau, em sua célebre *Arte Poética*¹², D’Alembert sustenta que “nos homens de gênio, as idéias nascem sem esforço e a expressão própria para transmiti-las nasce com elas; [...] (p.73)”.

Nessa perspectiva, a clareza e a simplicidade advêm de um pensamento justo e preciso. Na relação imanente entre palavra e coisa se revela a ilusão discursiva da transparência do pensamento e do dizer. Esquece-se que o sentido se constrói historicamente na relação do sujeito com a língua e acredita-se num sentido prévio, fixo, imutável, anterior à enunciação que o bem dizer não faria mais do que capturar. “Na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito” (ORLANDI, 1999).

¹² “O que se concebe bem se enuncia claramente,
E as palavras para dizê-lo decorrem facilmente”

Charles Batteux, em seus *Princípios de literatura* (1764)¹³, coloca em evidência que:

Quando traduzimos, a grande dificuldade não é entender o pensamento do autor: habitualmente chegamos a ele com a ajuda das boas edições, dos comentários e, sobretudo, examinando a seqüência dos pensamentos. Mas quando se trata de apresentar em uma outra língua as coisas, os pensamentos, as expressões, os torneios, o tom geral da obra, os tons particulares do estilo nos poetas, nos oradores, nos historiadores; as coisas tais como são, sem acrescentar nada, nem omitir, nem deslocar; os pensamentos nas suas diferentes cores, nos diferentes graus, nas nuances particulares; os torneios que dão o sentimento, o espírito, a vida ao discurso; as expressões (p.93) naturais, figuradas, fortes, ricas, graciosas, delicadas, etc; e o todo, segundo um modelo que comanda rigidamente e que quer que lhe obedecemos de modo aparentemente fácil % é evidente que precisamos, para traduzir bem, senão do mesmo gênio, ao menos do mesmo gosto que é necessário para compor. Talvez seja preciso até mais (p.91).

Calcando-se igualmente na idéia de uma coincidência entre palavras e coisas evidenciada no interior de cada língua, Batteux insiste sobre a dificuldade que o trabalho de tradução suscita. Este vem, de alguma forma, perturbar a ordem primeira que deve ser restaurada em outra língua, “segundo um modelo que [a] comanda rigidamente”. Mais uma vez se faz presente a necessidade do gênio do tradutor para fazer jus ao gênio da língua e do autor a serem traduzidos. Para tal, a noção de gosto se faz imperiosa. É ela que ordena o modelo a ser obedecido.

Voltaire, em seu artigo Francês da *Encyclopédie* retoma igualmente a cadeia de filiações de sentidos do século anterior, ao exaltar o gênio, a clareza e a ordem, como sendo as qualidades da língua francesa:

O gênio dessa língua é a clareza & a ordem: pois cada língua tem seu gênio, & esse gênio consiste na facilidade que a linguagem tem de se exprimir de forma mais ou menos feliz, de empregar ou rejeitar os torneios familiares às outras línguas.

E ainda:

A ordem natural na qual se é obrigado a exprimir seus pensamentos & construir suas frases derrama nessa língua uma doçura & uma

¹³ In *Clássicos da Teoria da Tradução*, volume 2, francês-português. Tradução: Orlando Nunes de Amorim e Silvana Vieira da Silva Amorim.

facilidade que agrada a todos os povos; & o gênio da nação, mesclando-se ao gênio da língua, produziu mais livros agradavelmente escritos do que se vê em qualquer outro povo.

Diferentemente da inversão observada na língua latina, existe uma ordem “natural” do pensamento desenvolvida na sintaxe francesa, que obedece à lógica sujeito-verbo-complemento. Nesse momento histórico, Voltaire evidencia o orgulho, a confiança e a felicidade, experimentados pelos franceses que viram sua língua alçar vôos de universalidade, consolidando-se como a mais prestigiosa das línguas européias.

Crítico feroz das noções de gênio e clareza, Henri Meschonnic (1997, p.12-13), embora reconhecendo que esse mito abrange o lingüístico, o político, o filosófico, o literário, o cultural e, até mesmo, o religioso, enfatiza a obscuridade da clareza francesa, ressaltando, por um lado, que

[...] o gênio, sendo apenas uma representação, longe de exaltar, como a aparência indica, a língua francesa, é uma mutilação e uma caricatura desta. A noção e o culto que ela acarreta são um parasita que não faz bem para a saúde. [...] Os “defensores” do gênio da língua francesa são prisioneiros de uma imagem deformante e deformada ¹⁴

Analisando essas noções no tempo, Meschonnic observa:

Se olho o motivo francês do gênio e da clareza, constato, como cada um pode fazê-lo, que tudo o que foi dito sobre eles se divide em duas atitudes, antigas, atuais também, uma que consiste em ignorar o mito, a outra que consiste em acreditar nele, todas as duas, apesar de contraditórias, manifestam uma mesma ausência de crítica.

O discurso da fé se divide em dois, segundo a época e os autores. Um primeiro período tem um discurso feliz e triunfante. É a lista das felicidades da língua. Uma segunda época, a nossa, já há mais de um século, porém, hoje mais intensamente, sustenta um discurso infeliz. É um catálogo de erros. A grandeza se perdeu, a correção da língua se perdeu. Para alguns, a língua se perdeu. Mas, é sempre o gênio. Ele era reconhecido, ele é ignorado (p.14).

Na contemporaneidade, ainda que a lista das infelicidades da língua francesa seja longa, a luta perdida, travada contra o inglês, língua majoritária do mercado, tentacular no mundo globalizado, se inscreve na lógica do prestígio advindo da raridade do bem de consumo. O lugar reivindicado pela língua francesa no espaço atual se faz na contramão da onipresença. Trata-se de um língua de cultura tanto mais prestigiosa quanto mais rara,

¹⁴ Tradução minha

destinada a “poucos eleitos”. Os preceitos que fundam, hoje, o imaginário dessa rara língua de cultura permanecem fundamentalmente os mesmos dos séculos clássicos: clareza, precisão, equilíbrio, harmonia, racionalidade continuam a ser o credo predominante, o espelho a partir do qual a língua francesa se reconhece e se embevece como tal.

REFERÊNCIAS

BACHET DE MEZIRIAC, Claude-Gaspar. *De la traduction* [1635]. Arras : Artois Presses Université, 1998.

BALLARD, Michel & D’HULST, Lieven. *La traduction en France à l’âge classique*. Lille : Presses Universitaires du Septentrion, 1996.

BECQ, Annie. *Genèse de l’esthétique française moderne*. De la raison classique à l’imagination créatrice. 1680-1814. Paris: Albin Michel, 1994.

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro : 7Letras/PGET, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982.

BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à 1900*. Le dix-septième siècle. Paris: A. Colin, 1966.

DECLERCQ, Gilles. Éloquence et rhétorique au XVIIe siècle en France in PRIGENT, Michel (org). *Histoire de la France littéraire*. Tome II. Classicismes – XVIIe – XVIIIe siècles. Volume dirigé par Jean-Charles Darmon et Michel Delon. Paris: PUF, 2006.

D’HULST, Lieven. *Cent ans de théorie française de la traduction*. De Batteux à Littré (1748-1847). Lille: Presses Universitaires de Lille, 1990.

Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers / par une société de gens de lettres ; mis en ordre et publié par M. [Denis] Diderot, ... et quant à la partie mathématique, par M. [Jean Le Rond] d’Alembert... Versão digitalizada : <http://gallica.bnf.fr> Reproduction de l’édition de : Paris : Briasson : David : Le Breton ; [puis] Neuchâtel : S. Faulche, 1751-1765.

FAVERI, Cláudia Borges de & TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilíngüe. Volume II. Português-Francês. Florianópolis: Núcleo de Tradução – Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

FUMAROLI, Marc. *L’âge de l’éloquence*. Paris: Albin Michel, 1980.

———. *Trois institutions littéraires*. Paris: Gallimard, 1986.

FURLAN, Mauri (org) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilíngüe. Volume IV. Renascimento. Florianópolis: Núcleo de Tradução – Universidade Federal de Santa

Catarina, 2006.

GUION, Béatrice. “Un juste tempérament”: les tensions du classicisme français in PRIGENT, Michel (org). *Histoire de la France littéraire*. Tome II. Classicismes – XVIIe – XVIIIe siècles. Volume dirigé par Jean-Charles Darmon et Michel Delon. Paris: PUF, 2006.

MESCHONNIC, Henri. *De la langue française*. Essai sur une clarté obscure. Paris: Hachette, 1997.

MOUNIN, Georges. *Les belles infidèles*. Paris: Cahiers du Sud, 1955.

ORLANDI, Eni P. *Política Lingüística na América Latina*. São Paulo: Pontes, 1988.

———. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PRIGET, Michel (org). *Histoire de la France littéraire*. Tome II. Classicismes – XVIIe – XVIIIe siècles. Volume dirigé par Jean-Charles Darmon et Michel Delon. Paris : PUF, 2006.

ZUBER, Roger. *Les « Belles Infidèles » et la formation du goût classique*. Perrot d’Ablancourt et Guez de Balzac. Paris: Armand Colin, 1968.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: Benjamin, 1995.

VENUTI, L. *The Translator’s Invisibility*. London: Routledge, 1995.

———. “A invisibilidade do tradutor”. (p.111-134). In: *Revista Palavra*, 3 – Dptº Letras – PUC/RJ, 1996. Tradução de Carolina Alfaro. Revisão técnica de Paulo Henriques Britto e Maria Paula Frota.

———. *Escândalos da Tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo.